

TEKOHÁ - Ritual de Vida e Morte do Deus Pequeno

Fernando Cruz

Dramaturgia de
Fernando Cruz,
com a colaboração
dos atores do
grupo Imaginário
Maracangalha, de
Campo Grande, Mato
Grosso do Sul.

Cortejo | Os atores vêm em cortejo mudo/fúnebre/contemplativo, carregando o cenário e adereços, andando de acordo com o ritmo proposto pela percussão. Em alguns momentos o cortejo para e, ao som do bumbo, reiniciam a caminhada até chegarem ao local da apresentação para formar a arena.

Deixam os objetos cênicos todos próximos (no centro) e organizam a arena/ dispendo objetos paralelamente / cruz de taquaras ao centro/cajados e taquara /base com materiais nas extremidades opostas.

Prólogo | Narrador – (cantando) Foi num velho Mato Grosso, há muitos tempos atrás, naqueles tempos bonitos que não voltam nunca mais..." (Cumprimenta/ conversa com o público/organiza a roda)

O Teatro Imaginário pede passagem. Contaremos uma história que é de Guarani, uma história que tem o pássaro colibri. Uma história que não foi contada nas páginas dos jornais. A história do grande líder Guarani Marçal de Souza. VIVA MARÇAL!!!

Cena 1 | NASCIMENTO – INFÂNCIA – RETORNO ÀS ORIGENS (1920)

Narrador/personagem/peão de rodeio (peão de rodeio anunciando): Em 1920, no vilarejo de Rincão Júlio, na Cidade de Ponta Porã, estado de Mato Grosso do Sul. Nasceu Tupã i, pequeno Deus Trovão, que aos 10 anos de idade, escolheu em revistas o seu nome branco: Marçal De Souza.

Todos: Marçal de Souza

Narrador 1: (tom intimista, bate papo) Em 1920 a história não era tão bonita assim não,

Narrador 2: Índios eram pegos a laço para trabalhar como escravos nos ervais e quem reclamava era morto.

Narrador 3: Os bugres até recebiam para trabalhar, claro que com alguns descontos. Por que o que é justo é justo!!

Narrador 4: É justo? É justo trabalhar como escravos nas terras das quais eram donos? É justo ter de comprar os seus alimentos nas vendas que também pertenciam aos fazendeiros? É isso que é justo?

Narrador 5: justo?! Até hoje é a mesma situação, é professor, operário, lavrador... preto e índio, que quando luta por seu direito é assassinado!

Narrador 6: Desde que o homem branco chegou aqui a situação do índio nunca foi bonita !!!.

CENA 2 | (Oprimidos/trabalhadores/excluídos/lumpem/questionadores...)

Narrador 1: Mãe /dona de casa/trabalhadora/ - a história do índio nunca foi bonita mas a minha também não é, eu trabalho o dia inteiro embaixo de um sol quente e se meu filho precisa de um hospital não tem hospital, se tem hospital não tem médico, se tem médico não tem uma cama para o meu filho ficar internado, fica jogado nos corredores igual bicho, é isso que é bonito? É isso que é bonito?

Narrador 2: mulher vítima de violência –Tem que trabalharsim, dona, só que não tem que apanhar, eu sou mãe,

eu sou mulher, eu trabalho e apanho, trabalho e apanho, igual era com os índios, trabalhavam e apanhavam, eu trabalho e apanho...

Narrador 3: caminhoneiro/motorista-Tem que trabalhar sim, mas apanhar não. Tem que trabalhar mesmo, ganhar a vida, apanhar não, e eu trabalhei minha vida inteira, puxando carga, carregando esse país nas costas, e na hora de aposentar falta papel, papel? Eu trabalhei minha vida inteira, não vi meus filhos crescerem, não consigo voltar para a minha terra, para na hora de aposentar faltar papel? Papel?

Narrador 4: pedreiro –Ei, cara, vai ficar só reclamando? Tem que tomar é uma atitude. Também perdi terra, família e vim pra cidade trabalha de oreia (orelha). Construí casa, edifício, moradia pra barão, tudo que vocês tão vendo aí. Não tenho a minha até hoje, mas continuo lutando. Tem que tomá atitude que nem foi com o tal índio Marçal, esse lutou...

Cena 3 | Construção de Marçal: atores apresentam códigos ao som de apitos e Maracás: Bíblia/manto/óculos /maracá. Transição do Marçal Evangélico para Marçal Guarani (troca a Bíblia pelo Maracá). Forma-se a cruz de taquara/Marçal senta e é erguido /a cruz gira com Marçal suspenso/

Marçal de Souza: Descobri, descobri que nós tínhamos uma riqueza muito grande, uma riqueza muito preciosa, que era nossa cultura, a nossa crença,

a nossa vida de índio, a nossa organização. Desde então nasceu um amor muito profundo pelo meu povo índio. Desde então decidi para minha vida, viver toda a vida, viver entre meus irmãos, para que assim eu possa sentir o seu sofrimento, a sua vida, o seu viver. E decidi trabalhar em meu coração, pelo menos pelo resgate da nossa cultura, da nossa crença, da nossa organização social que só nós entendemos.

Vindo do público pro centro da Arena tocando os Apitos, organizando para formar O Colibri – Ritual para Falar do Marçal. / Cena de Transição do Marçal Evangélico para Marçal Guarani

Cena 4 | COLIBRI/Forma-se o casulo, o colibri e o Tekoha. Ao som dos apitos e maracá, voa pelo público (360 graus) manipulado por quatro atores e Marçal no meio. (Quatro taquaras e tecido vermelho)

Cena 5 | PERÍODO PRÉ DITATORIAL.

Marçal, ao meio da arena, permanece assistindo ao diálogo do fazendeiro e do oficial do SPI/FUNAI

Fazendeiro/Latifundiário/Ruralista/associação dos produtores Rurais: Amigos! Estamos aqui hoje para inaugurar oficialmente o hospital da missão evangélica aqui na aldeia. Até por que já temos uma área toda cercada, casa da sede do posto, um trator, uma serraria, uma escola primária, um caminhão para transporte de toras, pequena lavoura e criação de 80 bovinos

mestiços. Grande reserva de madeira, principalmente peroba, ipê e outras. É um posto bem servido de água, suas terras são ótimas para o cultivo de arroz, feijão, milho e etc. São as melhores terras para a cultura da região. Há 200 famílias de índios pertencentes à tribo Kaiowá que moram já em seus respectivos lotes de terra, conforme orientação dada pelo própria FUNAI.

(Toca apito militar)

FUNAI/Militar: Esses índios dedicam-se ao trabalho na lavoura, na cidade ou com fazendeiros vizinhos. Esses índios têm um hospital pra atender qualquer caso de doença, hospital com o qual o SPI mantém convênio. Ao concluir o curso primário na escola do posto, vários jovens índios seguem curso ginásial em Dourados, sendo por isso um posto ideal para se estabelecer uma escola de aprendizagem agrícola. Esses índios vivem em pequenas casas de madeira, cobertas de palha ou capim e piso de terra batida.

Marçal de Souza: O verde da bandeira que os brasileiros carregavam representa a mata que a civilização nos tirou, vivemos nas terras do governo como párias, esmagados sempre. O amarelo que representava as riquezas do Brasil, a caça e a pesca, hoje está ausente de nossa terra. O branco que representava a paz tão desejada pelo homem, hoje já não existe mais. E finalmente o azul, o azul florido com seus astros e estrelas a brilhar, foi a única coisa que a civilização nos deixou, isso porque elas não conseguiram conquistar ainda.

Cena 6 | DITADURA MILITAR

(Atores pegam as taquaras como armas, apontando para o público. Toca sirene da polícia/militar)

Narrador 1: Durante a ditadura militar a violência também chegou nas aldeias.

(Viram e apontam um para o outro)

Narrador 2: Alguns índios foram comprados e obrigados a lutar contra os seus próprios patrícios.

Narrador 3: Marçal de Souza continuou seu trabalho de enfermeiro em outras aldeias e nas cidades e foi por várias vezes espancado e preso.

(Cai ao chão/crucificado)

FUNAI: E essa situação permaneceu assim por muito tempo

(Atira para ele uma taquara, inicia o texto)

Narrador/personagem (algoz): Aldeia de Piikê de portas abertas para o mundo. (Dois atores brigam/um tenta passar, mas é impedido violentamente pelo outro)

Narrador/personagem: Como o índio pode viver assim desse jeito, sendo transferido como gado, que a gente pega e põe num campo e noutra?!

Narrador/personagem: Marçal seguiu para a aldeia de Caarapó, chegando lá viu que a situação era a mesma de seu povo.

Narrador/personagem: Mais de cinco caminhões de madeira de lei saíram

por dia das aldeias, denunciemos para o Governo, denunciemos para a FUNAI, denunciemos para a imprensa e nada foi feito.

TODOS: E nada foi feito. E nada é feito. Nada, nada, nada....

(Repetindo e andando em direção ao público, pegando as taquaras do chão para formar a prisão)

Cena 7 | PRISÃO / DITADURA MILITAR / SUBORNO DE INDÍGENAS

(Os atores pegam as taquaras e voltam com os personagens de costas para o centro, sendo encarcerados, demonstrando pânico e desespero no olhar, quando se juntam de costas dão uma volta que finaliza com um grito)

Preso 1: Outro dia fui ajudar um índio que estava sendo judiado e acabei sendo presa.

Preso 2: Eu já fui preso 3 vezes.

Preso 3: Lá índio tem apanhado amarrado.

Preso 1: Até morte eles já fizeram lá. Foi morto um índio chamado Martins.

Preso 2: Como ele não tinha família, eles levaram o corpo pra uma delegacia dizendo que aquele não era índio, que era paraguaio e ficou como paraguaio, sendo índio.

Preso 3: Um dia, a meia noite, prenderam o índio Xisto Daniel, prenderam ele e ele amanheceu morto na cadeia. Nós não sabemos como ele morreu. Na cadeia, a polícia toma conta. Nós somos particulares.

(Deitam as taquaras, formando uma cruz, cabeça baixa na junção das taquaras)

Marçal de Souza: (em pé em cima da cruz) O que aconteceu comigo, eu lembro bem, no dia 8 de abril, mais ou menos 9 horas da manhã, eu estava fazendo o relatório mensal do Posto Indígena, quando apareceu um grupo de índios liderados pelo capitão Narciso, índio Kaiowá, e também pelo capitão Ramão Machado, que é outro capitão e que era braço forte, naquela época, do encarregado Sardinha. Entraram lá pegaram mais ou menos 10 índios, eu estava entre esses 10 índios, ele me bateram, rasgaram toda a roupa. Me levaram fora do ambulatório, onde fui espancado pelos outros índios. Eu não culpo o índio não. O índio não tem culpa nenhuma. Eu culpo o branco que subornou os meus irmãos para fazerem esta injustiça contra mim... eu não culpo o índio não...eu não culpo o índio não....

(Desce da cruz, todos ao mesmo tempo, como uma fuga. Forma-se um círculo e os atores jogam as taquaras uns para os outros)

Cena 8 | ASSEMBLEIA DOS POVOS INDÍGENAS EM SÃO MIGUEL DAS MISSÕES/ RS

Narrador/personagem: (Entrando com o pano do Tekoha – todos vão montando o Tekoha). Quando Marçal saiu da cadeia, ele foi até as Ruínas de São Miguel das Missões, para a oitava Assembleia dos Chefes Indígenas. Não

tinha como não se emocionar estando nas terras onde há 200 anos mais de 1.500 guaranis foram assassinado por lutarem contra as coroas portuguesa e espanhola, liderados pelo bravo guerreiro Sepé Tiarajú. E ali, Marçal se inspirou mais ainda para sua luta.

Marçal de Souza 1: (Óculos) Companheiros, nesses anos e anos de convivência com o povo branco, eu tenho percebido cada vez mais e mais que quem tem interesse pela vida do índio e na pessoa do índio é o próprio índio.

Marçal de Souza 2: (Manto) Chegamos ao fim da picada, ou nós avançamos ou nos entregamos ao branco.

Marçal de Souza 3: (Maracá) Chegou a hora de nós levantarmos a voz pela sobrevivência de nosso povo que antigamente era um povo tranquilo, um povo feliz. Somos um povo que já teve pátria e hoje já não temos mais pátria. Vivemos em terras invadidas, intrusadas. Nossas leis são feitas por pessoas lá de cima que dizem que nós temos direitos.

Marçal de Souza 1: Mas nós temos direitos, só que eles estão no papel. Onde está a realidade?

Marçal de Souza 2: Eu tenho uma cicatriz na minha vida, no meu coração, que nem o tempo, nem os séculos, vão conseguir apagar. Eu queria fazer verão sozinho, mas é como diz o ditado, uma andorinha não faz verão.

Marçal de Souza 3: Chegou a hora em que nós sozinhos não conseguiremos fazer nada. Precisamos nos unir, braço

a braço e levantar bem alto a voz dos nossos antepassados que foram friamente massacrados.

Marçal de Souza 1: Chegamos a um ponto em que nós, os índios, devemos tomar as rédeas do governo indígena e esta talvez seja a nossa última oportunidade. E nós estamos no caminho certo.

ASSEMBLÉIA

Marçal de Souza 2: REUNIR

Marçal de Souza 3: OUVIR TODOS

(Vão juntando as coisas/ Montam Marçal com os códigos, arrumando a faixa e organizando a passeata com o grito /Marçal de Souza com megafone)

TODOS: Assembleia, reunir, ouvir todos! (Após uma caminhada param ao som do bumbo em lugar diferente)

Marçal de Souza – (Megafone) Salve Irmã Dorothy! Salve Juliti Lopes, Ortiz Lopes, Ângelo Kretã, Marta Guarany, Dorcelina Forlador, Carlos Mariguela, Marcos Veron, Índio Chicão, Rolindo Vera, Genivaldo Vera, Índio Galdino, Sapé Tiarajú, Salve Chico Mendes, Irmã Dorothy, Cacique Nísio Gomes, Oziel Gabriel, Marinalva Manoel, Simeão Vilhalba, Vitor Pinto !!!

Todos – Salve!!

Marçal de Souza: Um minuto de silêncio por estes e por outros que lutaram por seus ideais até a morte, defendendo os direitos dos seres humanos.

(Após um minuto de silêncio, ao som do bumbo, desfaz-se a passeata, montando a arena)

Cena 9 | Narrador/personagem – Tere-
nas, Kinikinawas, Xavantes, Kadiwéus,
Guaranis, Kaiowás, Bororos, Xucurus-
-cariris, Potiguaras, Xocós, Cainguan-
gues se juntaram em Assembleia e
Marçal de Souza foi escolhido o por-
ta-voz de todas as nações indígenas
no encontro com o Papa.

(Marçal na perna de pau, frente a
frente com o Papa, representado pela
bíblia equilibrada sobre a taquara)

Marçal de Souza: Eu sou o represen-
tante da Grande tribo Guarani e por
que não dizer de todas as nações in-
dígenas que habitam esse país, este
país que é tão grande para poucos e
tão pequeno para nós. Nossas terras
são tomadas, nossos territórios são in-
vadidos, nossos líderes são friamente
assassinados por aqueles que tomam
o nosso chão, aquilo que para nós
significa a nossa própria vida, nos-
sa sobrevivência neste grande Brasil,
chamado um país cristão. Santo pa-
dre, leve o nosso clamor, a nossa voz
para outros territórios porque o nos-
so povo, a nossa nação indígena está
desaparecendo do Brasil. Dizem que o
Brasil foi descoberto, o Brasil não foi
descoberto não, o Brasil foi invadido
e tomado dos povos indígenas. Esta
é a verdadeira história. Eu deixo aqui
o apelo de 200 mil indígenas que ha-
bitam e lutam pela sua sobrevivência.
Dizem que o senhor é o representante
de Cristo aqui na terra, mas se hoje
Cristo descesse na terra, santo padre,
ele teria duras críticas a dizer aos seus
representantes. E o senhor, o que
dirá? O que dirá?

(A Bíblia cai no chão, todos saem)

Narrador: (entrando sorrateiramente, desconfiado) – Mal sabia Marçal que também ele seria assassinado três anos após o seu encontro com o Papa.

Cena 10 | FAZENDEIRO E CAPATAZ (MILITAR/FUNAI) TRAMAM ASSASSINATO DE MARÇAL DE SOUZA

Fazendeiro: (entra o fazendeiro, que é vestido em cena) Capataz... Capataaaaz... ôô imundície.

Capataz: (Entra o capataz). Sim senhor, sim senhor, fala patrão.

Fazendeiro: Que arruaça é essa aqui nas minhas terras?

Capataz: São os índios patrão, eles estão lá nas terras e disseram que não vão sair não.

Fazendeiro: Eu já não falei pra você "conversar" com eles? Você não "conversou" com eles?

Capataz: Eles disseram que não querem conversar não, patrão. Disseram que as terras são deles desde antes do descobrimento.

Fazendeiro: Querem minhas terras? Eu nasci nessas terras, meu pai nasceu nessas terras. Fomos criados nessas terras. Mas eu acho que nós não estamos agindo de forma correta. Você tem que descobrir quem é o líder deles...

Capataz: Já descobri patrão. É um tal de Marçal de Souza, um banguela franzino que dizem que tem a voz de trovão.

Fazendeiro: O homem da voz de trovão! O que você acha de a gente calar a voz de trovão dele?

Capataz: O patrão manda... a gente obedece.

Fazendeiro: Opa, opa. Eu não mando nada, eu só sugiro.

Capataz: O patrão sugere, a gente executa. E o que o patrão "sugere" que faça com as crianças, as mulheres...?

Fazendeiro: Bem... fica aí a sugestão. (Os dois saem, o fazendeiro lançando o capataz.)

Cena 11 | ASSASSINATO DE MARÇAL

Entra Marçal segurando a taquara, com o Maracá na ponta

Marçal de Souza: Eu sou uma pessoa marcada para morrer, mas por uma causa justa, a gente morre.

Narrador/personagem 1: Naquele dia, 25 de novembro de 1983, Marçal resolveu comer alguma coisa antes de se deitar, não imaginava que às nove horas da noite alguém bateria à sua porta desesperado, dizendo que seu pai precisava de ajuda, que precisava dos cuidados de Marçal. E ele então resolveu fazer um ato de caridade...

Narrador/ personagem 2: Ao abrir a porta, Marçal de Souza foi assassinado. (tiros marcados pelo bumbo, Marçal, representado pelo Maracá sobre a taquara, cambaleia a cada tiro, no quinto tiro, cai totalmente). Cinco ti-

ros, sendo um na boca, deixando claro a tentativa de calar Tupã-ii, a voz de trovão.

(Cortejo fúnebre, Marçal é coberto pelo pano do Tekoha ao som de apitos e marcação do bumbo, dão uma volta marcando o cortejo no centro da arena e deixam-no no chão)

Cena 12 | Mídia da época e atual

Narrador 1: Extra! Extra! Índio Guarani Marçal de Souza é assassinado com cinco tiros

Narrador/repórter/anunciante 2: Extra, extra: Governo do MS quer investir na segurança dos nossos indígenas.

Narrador/personagem/anunciante 3: Índio morre com 30 facadas.

Narrador/personagem/anunciante 4: Índio é encontrado enforcado em Dourados.

Narrador personagem/repórter/anunciante 5: Índios são expulsos pela polícia das terras de ex-governador de MS.

TODOS: (Falam juntos, atualizam informações que vão sendo anunciadas /crescente/repetindo as falas e aumentando a velocidade do texto e da movimentação na arena).

Policial: (Entra expulsando os “manifestantes”) Cala a boca... Abafa, abafa!!! Quem resolve isso é a justiça.

Cena 13 | JULGAMENTO DA JUSTIÇA/ AUTOS DOS PROCESSOS QUE JUL-

GARAM FAZENDEIRO/CAPATAZ RESPONSÁVEIS PELO ASSASSINATO DE MARÇAL

(Vestem a Justiça com a capa, sobre a roupa do policial, ela vai sendo montada aos poucos. Atores andam em círculo – cruz – o diálogo acontece frente a frente, atores parados. À medida que vão falando os textos aumentam a velocidade, passando a correr no círculo dentro da arena e falam com megafone)

Advogado de acusação 1: Os policiais não conseguiram chegar à cena do crime – que foi descaracterizada – alegando falta de combustível, procede?

Advogado de acusação 2: Foi marcado um primeiro julgamento 10 anos após o crime e o senhor absolveu o réu por falta de provas, procede?

Advogado de acusação 3: Foi encontrado um revólver Taurus 38 na casa do acusado – de propriedade do mesmo – sendo que ficou comprovado que a bala que matou a vítima saiu desta mesma arma, procede?

Advogado de acusação 4: O Senhor concedeu habeas corpus para o mandado de prisão contra o acusado e o mesmo não compareceu no julgamento por duas vezes, procede?

Advogado de acusação 1: O acusado era pessoa influente e membro da UDR e filho do presidente da Câmara Municipal de Vereadores do local onde foi realizado o julgamento e, obviamente, o senhor absolveu o réu – por falta de provas, procede?

Advogado de acusação 2: Um segundo julgamento ocorreu em 1998 e o fazendeiro foi novamente absolvido e, após vários recursos, em 2008 o caso foi considerado prescrito, procede?

Justiça: A família de Marçal alegou estar cansada e sem esperanças na justiça, tendo a sensação de que a justiça é muito lenta e pouco justa para os pobres... e que não existe justiça para pobre e índio no Brasil. Sendo assim, procede, procede, procede? (Ameaçando/desafiando o público e atores).

Narrador: Coloca o megafone no centro da arena, que fica repetindo a frase: "A impunidade é mais dolorosa do que a morte."

Os atores vão saindo de costas para a Justiça, que também sai, e organizam seus materiais. Retornam ao centro e agradecem ao público.

Narrador: o Teatro Imaginário Maracangalha pede passagem, entramos por uma rua e saímos por outra. Entramos por uma praça e saímos por outra e quem quiser que conte outra.

FIM



